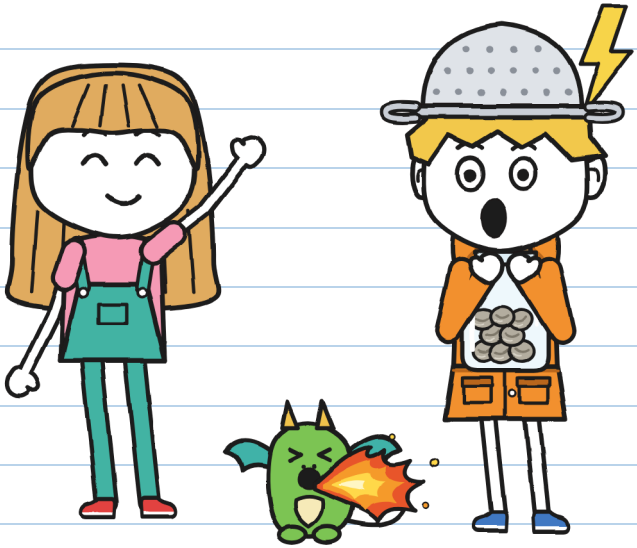
ENTREGAS IMPOSSÍVEIS · 2

Não abrir antes do trovão

Lui Eriksson



(o caderno do Guto)

TAMANHO S
Nível inicial · 7+

ENTREGAS IMPOSSÍVEIS · 2

Não abrir antes do trovão

Texto e ilustrações: Lui Eriksson

TAMANHO S · Nível inicial · 7+

Versão em português: LinguAula

Primeira edição: 2026

© 2026 Lui Eriksson · info@linguaula.com

Pode ser fotocopiado livremente, para a sala de aula e para casa.

Segundo livro da série. O primeiro: "Este pacote morde".



LinguAula

Trabalhe cada capítulo em linguaula.com

Nenhum trovão saiu machucado neste livro. —J.



E de mais ninguém. –J.

Se você encontrar, não abra antes do trovão.

SÓ NA HISTÓRIA

Este carimbo marca o que só acontece na história: não faça isso. Se durar várias páginas, diz DESDE AQUI e ATÉ AQUI. Com tempestade de verdade, vale a página 76. –J.

QUEM É QUEM



Guto. Entregador dos sábados. Caçador de tempestades (mais ou menos). Este caderno é dele.



Júlia. Conta os segundos entre o relâmpago e o trovão. Escreve em verde e assina J.



Migalha. Filhote de dragão. Imita o Guto em tudo. Tudo.



Toninho. Entrega para a RAIO, de bicicleta. Em dez minutos ou de graça.



Flora. Cuida das plantas na Rua do Canal, 9. Não assina pedras.



Vera. Cuida de dragões na Casa dos Dragões, ao lado da casa da Flora. A Migalha mora com ela.



Mara. A dona da Entregas Impossíveis. Usa chapéu de bruxa. Sabe mais do que diz.

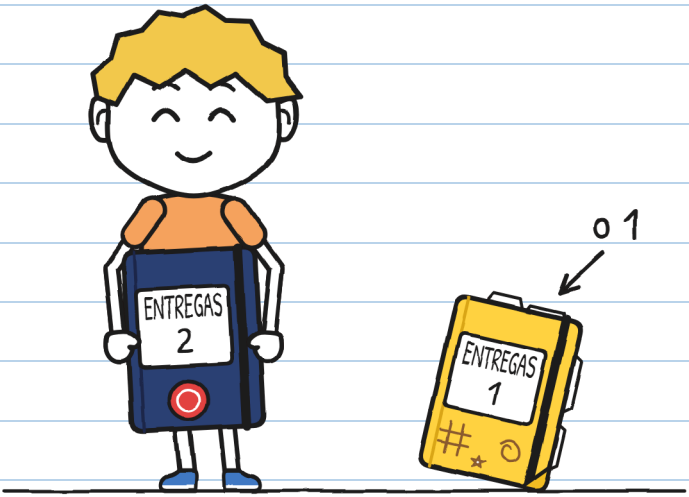


R. Manda os pacotes que ninguém consegue entregar. Ninguém diz o nome de R.

CADERNO DE ENTREGAS 2
do Guto

OFICIAL.

"Oficial": eu leio primeiro. Oficialmente. –].



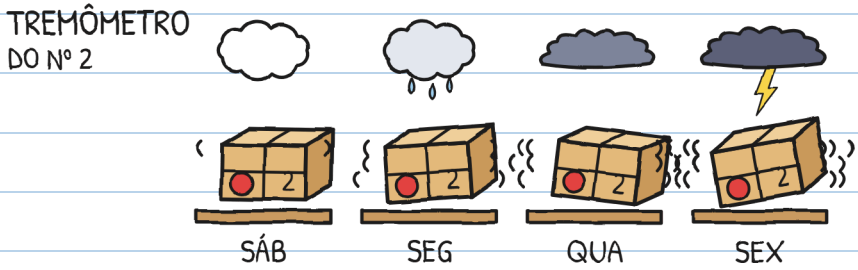
O caderno 1 acabou: está cheio. Quem me deu este foi a Mara, a dona da loja. Ele tem o carimbo da loja. Ela diz que caderno oficial não é para rabiscar. Vamos ver.

CAPÍTULO 1

Caçador de tempestades

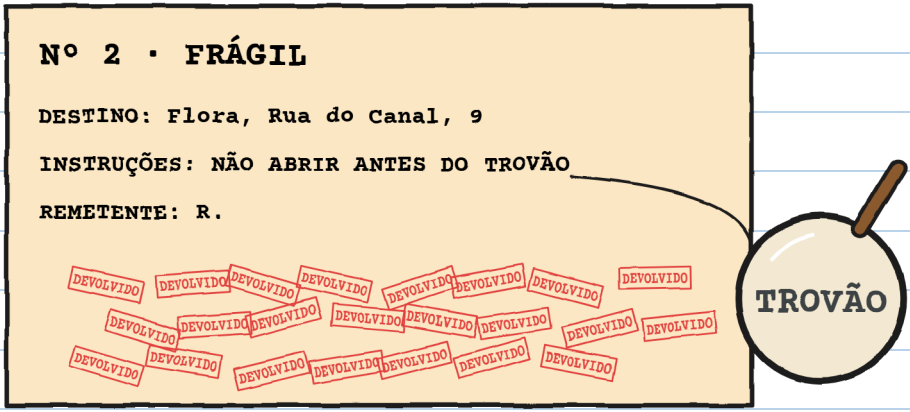
Na loja da Mara tem um pacote que treme. A cada dia, um pouco mais.
Não vou tocar nele.
O último que a Júlia e eu entregamos era um ovo.
Agora é a Migalha. Tem asas e me imita em tudo.

Na loja em frente à minha casa, restam dezenove devolvidos. Um deles está com muita pressa.



Não é medo: vem tempestade. No sábado, às seis da tarde. Olhei a previsão do tempo seis vezes. —].

Um devolvido sempre volta. Quem o recebe tem que assinar a etiqueta com tinta que não apaga, como a da canetinha verde da Júlia. Se não, ao amanhecer ele voa de volta para a estante. A mesma pessoa manda todos: R.



O nº 2 tinha vinte e três carimbos de DEVOLVIDO.

Vinte e três. Contei duas vezes. — J.

— Eu mesma levei esse pacote vinte e três vezes — disse Mara. — E nenhuma com tempestade.

No sábado, às dez, Mara nos esperava com o nº 2. Toninho estava lá. Aos sábados, nós três ficamos de castigo, porque entregamos o nº 1 sem permissão. A gente ajuda na loja.

— Este — disse Mara — vocês vão entregar. Hoje à tarde.

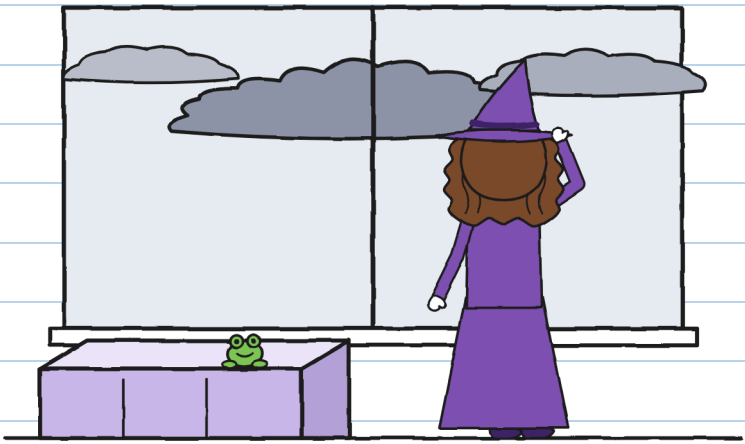


Júlia deu um pulo enorme. Quase tocou o cartaz de RESTAM 19.

Mara impôs três condições. Contou nos dedos:

1. Vocês saem às cinco, antes da tempestade.
   Ficam na casa da Flora até ela passar.
2. Suas famílias já sabem. A Flora também.
3. A regra da etiqueta: não abrir antes do trovão.
   Vale o que estoura em cima; os de longe, não.

— E você não vem? — perguntou Júlia.
— Tenho coisas para fazer aqui — disse Mara. E olhou pela vitrine: o céu estava ficando cinza.



Que coisas? –J.

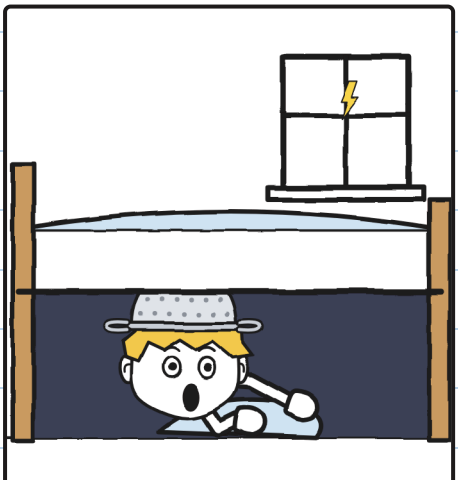
Então Júlia olhou para mim.
— Você gosta de tempestades?

E eu disse o de sempre, quando alguém olha assim:

— Adoro. No outro bairro, eu era caçador de tempestades profissional.



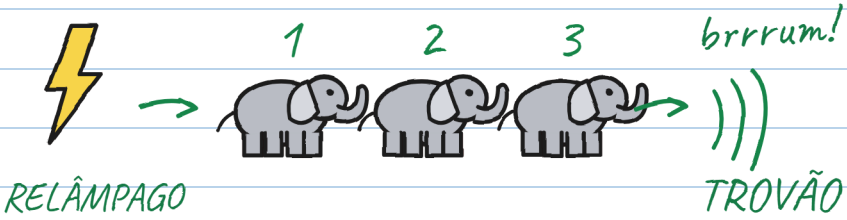
O que eu disse



O que aconteceu de verdade

Profissional de debaixo da cama. —J.

Júlia me ensinou a contar tempestades. No meu caderno. Sem pedir, como sempre:



um elefante, dois elefantes, três elefantes...

1 elefante = 1 segundo

3 elefantes = 1 quilômetro (mais ou menos)

0 elefantes = EM CIMA!

↖ Esse é o trovão da etiqueta.
Os de longe não abrem o pacote.

Mais elefantes: esse raio caiu mais longe.

Se ouvir um trovão, mesmo longe: procure abrigo!

O que a gente sabe dá menos medo. –J.

Eu não precisava: eu adoro tempestades. Mas anotei, por via das dúvidas.

Toninho leu a etiqueta por cima do meu ombro.
— A RAIO não entrega com tempestade.
Ele nos mostrou a letra miúda da mochila.
— Ainda não tem tempestade — disse Júlia.
Toninho olhou de novo. De "ainda" não dizia nada.

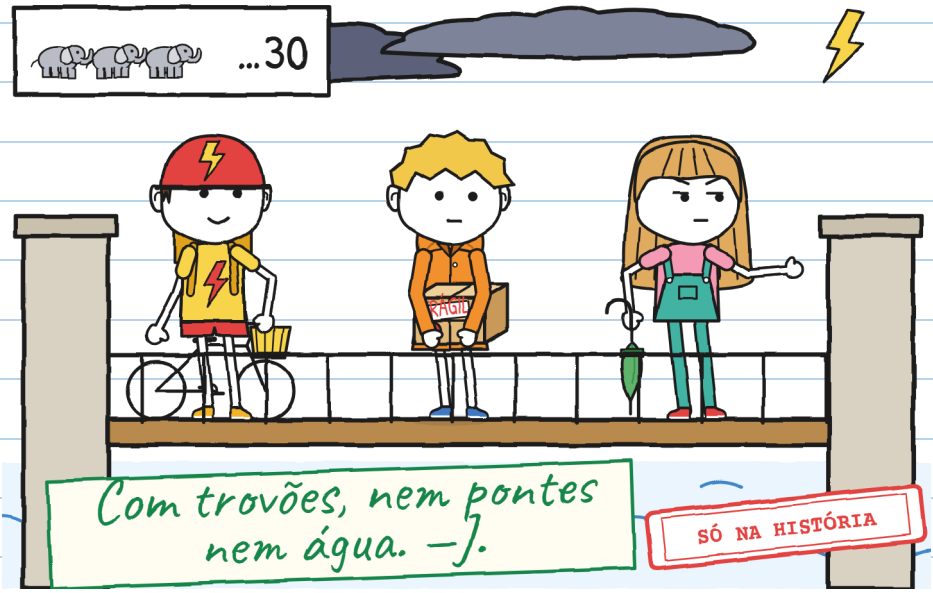


A letra miúda era miúda demais. –J.

E foi com a gente.
Às cinco, fui em casa buscar a capa de chuva.
— Coloca a capa laranja — disse minha mãe, da porta. — Vai mesmo? Se você, quando troveja...
— TCHAU, MÃE!

"Se você, quando troveja..." O QUÊ? –J.

Atravessamos a Ponte Grande. De noite ela levanta para os barcos. O céu ficava cada vez mais preto. No meio, Júlia cumprimentou a água com a mão. Muito séria. O canal e ela não se dão bem.



Muito longe, o céu se acendeu. Júlia contou trinta elefantes.

Brrrum.

— Esse raio caiu a uns dez quilômetros — disse.

— A previsão anuncia a tempestade para as seis.

— Foi um trovão! — disse Toninho. — Já abrimos?

— Esse não abre o pacote — disse Júlia. — O da etiqueta soa junto com o relâmpago: zero elefantes. Mas já se ouve: procurem abrigo! Corremos até a Rua do Canal. Eu fiz de conta que não ouvia nada.

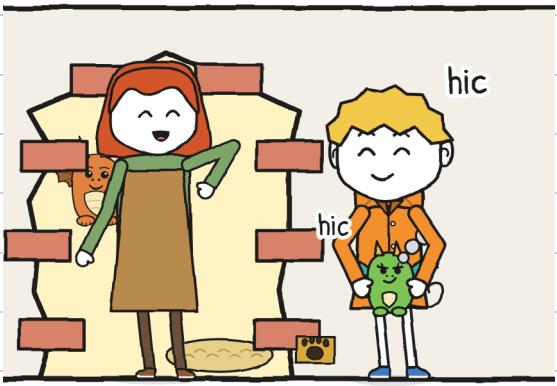
— Isso foi um hic? — perguntou Júlia.
— Não — eu disse. — Hic!



Acontece comigo desde pequeno, só com trovão. A cada trovão, muitos soluços seguidos, um a cada três segundos. Com tempestade em cima, não paro. Não é medo: meu corpo faz sozinho.

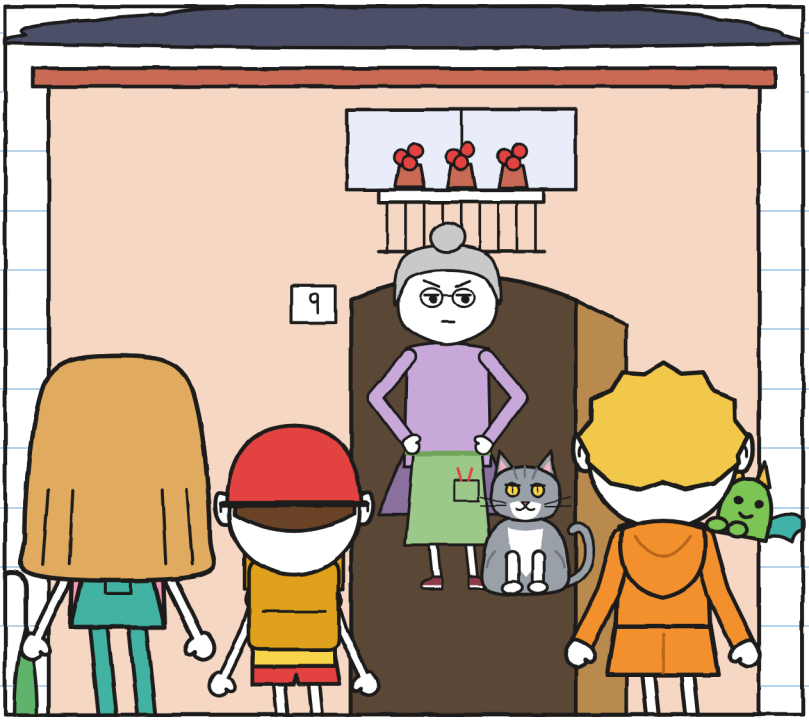
Isso se chama medo. —].

Vera esperava na porta dela, com a Migalha nos braços. Aos sábados, a Migalha passeia comigo.
— Só até a casa da Flora: primeira tempestade dela — disse Vera, e a passou para mim. — Ela imita tudo o que você faz. Até o que sente. Se ela se assusta, não puxe: ela se agarra. Quando a tempestade passa, três batidas no muro e eu venho.
— Eu não sinto nada — eu disse. — Eu adoro tempestades.



Longe, trovejou. Eu fiz hic. A Migalha fez hic. Saiu fumaça do nariz dela.
— Para dentro, já! — disse Vera.

A casa da Flora é a dos gerânios. Há dois sábados, ela nos olhava daquela varanda. A gente procurava a porta da Casa dos Dragões. Parece uma parede.

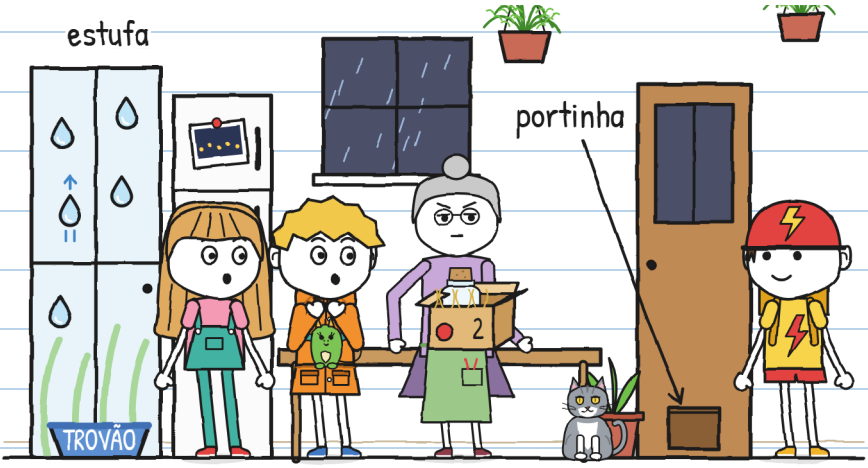


Flora abriu a porta. Nem deu tempo de a gente bater. Olhou a caixa. Olhou o céu. Olhou a Migalha.
— A pequena da Vera. Não pode queimar as minhas samambaias — disse. — Entrem, que vem chuva. Já aviso: eu não assino pedras.

CAPÍTULO 2

Trovão!

A cozinha da Flora está cheia de plantas. Ao fundo, uma porta de vidro dá para a estufa; a dos fundos, com portinha de gato, para o quintal. Toninho pôs a bicicleta no corredor, por causa da chuva.



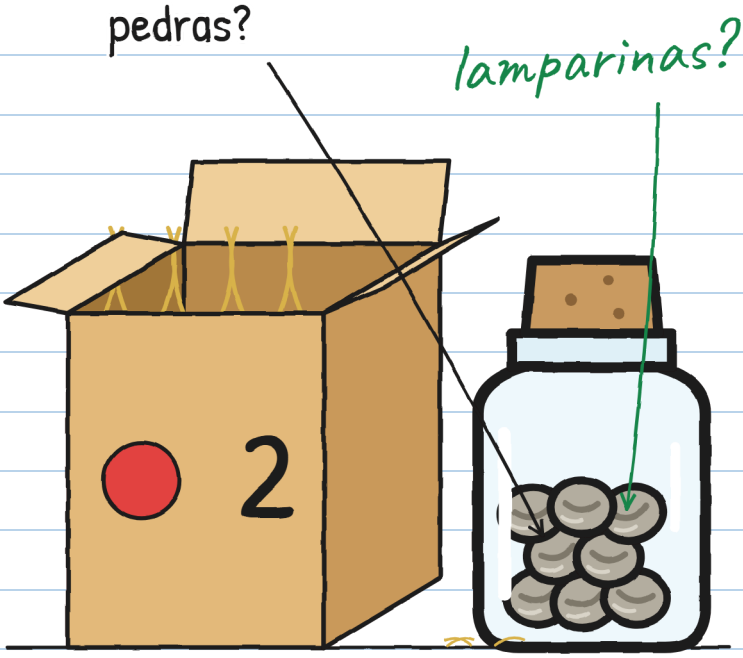
No vidro da estufa havia umas gotas pintadas. Elas subiam em vez de descer.

— Vidros de R. — disse Flora. — Deixam entrar a chuva quando eu quero. Os raios, nunca.

Flora pôs a caixa na mesa. Abriu sem perguntar. Dentro havia um frasco de vidro. Com oito bolinhas cinza.

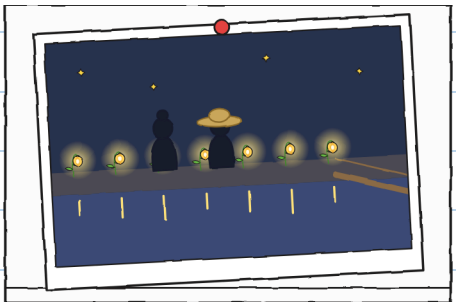
— Não se abre antes do trovão! — gritou Júlia.

— Abri a caixa, não o frasco — disse Flora. — Já sei o que tem aí: R. me prometeu lamparinas e me manda pedras.



— O que é uma lamparina? — perguntei.

Flora nos mostrou uma foto antiga. Era o calçadão do canal, de noite. Com luzinhas na margem.



— São plantas — disse Flora. — Guardam luz de relâmpagos e iluminam a noite toda.
— E R. plantava?
— Trazia as sementes acordadas. Eu punha a terra. Nunca vi nenhuma dormindo.
— E as lamparinas?
— Apagaram. R. parou de vir. E agora manda isto.

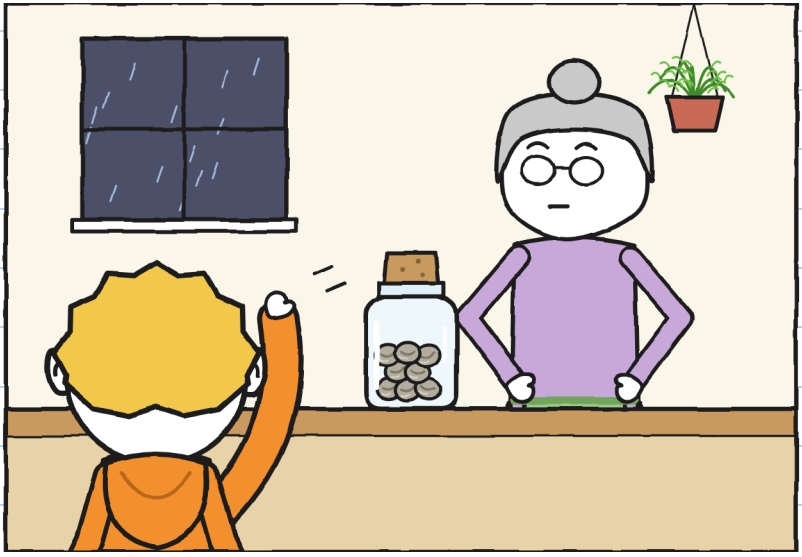
Por isso o canal é tão escuro. Por isso a passarela, a tábua que o atravessa, dá medo.

Dava. A mim, muito: atravessei no escuro. —J.

— R. sempre cumpre — disse Flora. — Tarde, mas cumpre. Com isto, não. Este frasco veio vinte e três vezes. Vinte e três vezes, pedras.

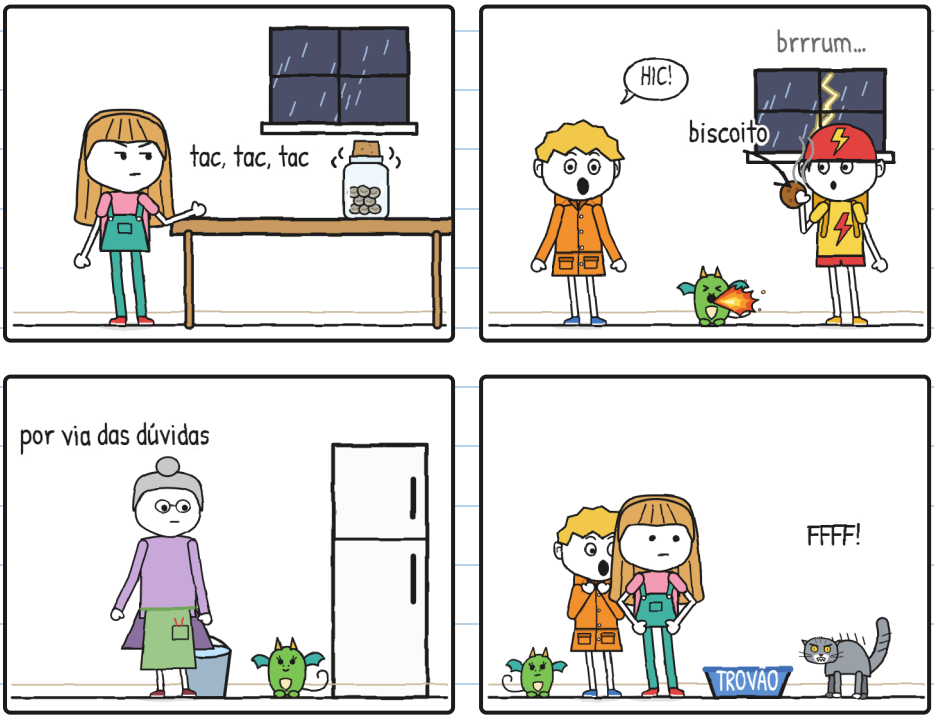
Pensei na etiqueta. Eu sabia de cor: NÃO ABRIR ANTES DO TROVÃO.
— E a senhora alguma vez esperou o trovão para abrir? — perguntei.

Flora me olhou como se a pergunta fosse boba.
— Não espero ninguém — disse. — Nem um trovão.



O gato da Flora se chama Trovão. O nome está escrito na tigela dele. Ele é cinza como uma nuvem. E ronrona como um trovão.

Esperamos a tempestade na cozinha. Aconteceram muitas coisas pequenas:



O pior de um trovão é esperar por ele. –].

O frasco fazia tlim, tlim. Cada vez mais forte.
Júlia contava: "Doze elefantes". Depois: "Nove".
O pé dela pulava debaixo da mesa.

— Você vai fazer um buraco no chão — eu disse.
— Estou contando.
— Então o seu pé conta muito rápido.
Então a Migalha soltou outra chaminha. O Trovão saiu disparado pela portinha de gato, para o quintal. Flora abriu a porta dos fundos e gritou:
— TROVÃÃÃO!



E a Júlia abriu o frasco.



— Foi um trovão! — disse.

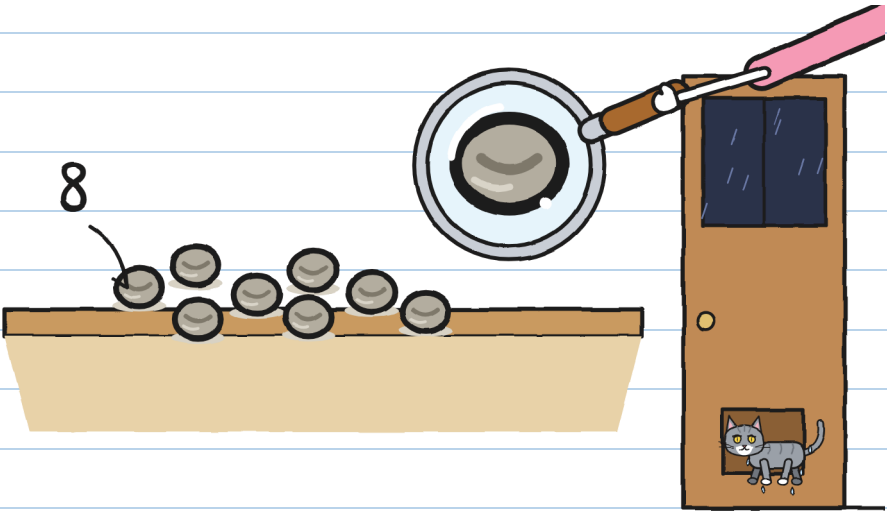
Não foi trovão. Flora gritou. Trovão é o gato.

Ouvi "TROVÃO!". Era o que eu esperava. Ninguém me disse que era um gato. —J.

Anotei isso na página 17.

Essa página eu li depois. —J.

O frasco foi aberto e ficou em silêncio. Dentro só havia oito bolinhas cinza. Frias e quietas. Júlia as despejou na mesa. Olhou com a lupa.
— Têm um risquinho. Como um olho fechado.



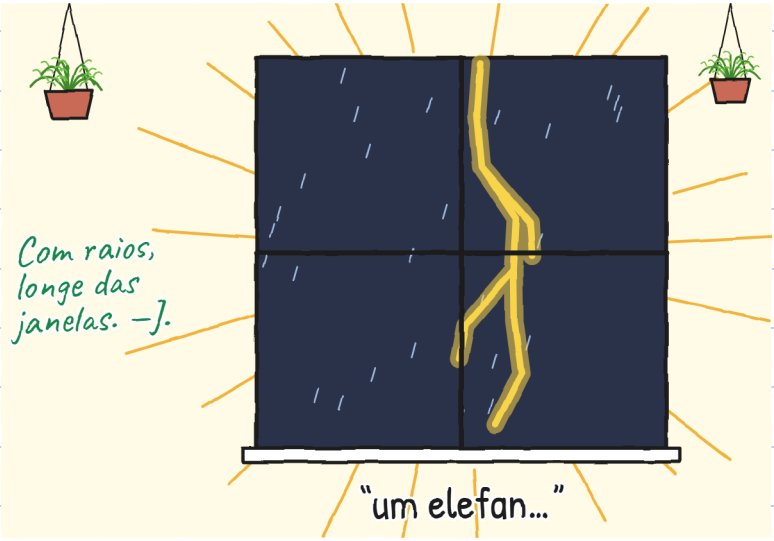
O Trovão voltou pela portinha de gato, encharcado. Flora fechou a porta.
— Pedras. Como sempre — disse. E olhou a Júlia.

Júlia ficou da cor da camiseta dela.

— Estão dormindo — eu disse. — Não são pedras: são sementes. Por isso está escrito "não abrir antes do trovão". Vai ver um trovão as acorda. Um bem forte, desses que fazem os vidros tremer.

Flora ficou calada. Depois disse:
— Se são sementes, que provem.

Lá fora era quase noite. Eram seis da tarde. Relâmpago. Júlia começou a contar:

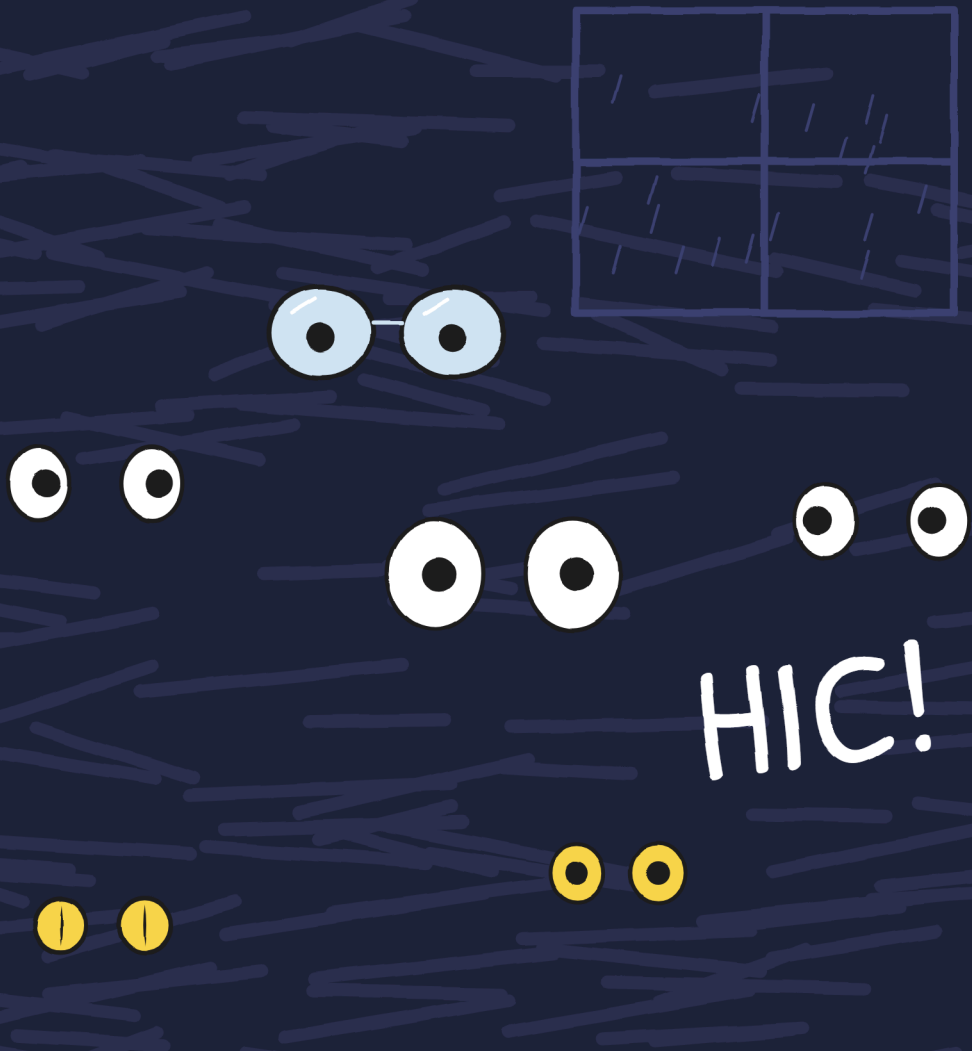


E chegou o de verdade.



Trovão e relâmpago juntos: a tempestade estava em cima. A mesa, os copos e os vidros tremeram.

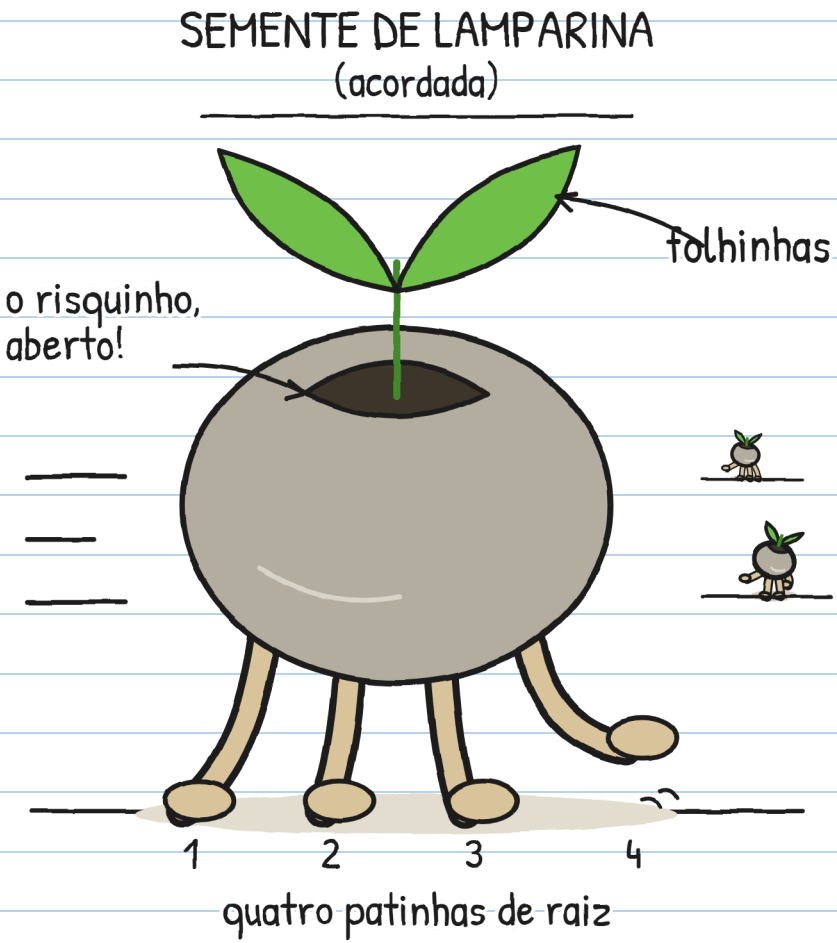
E a luz acabou.



Fiz hic. A Migalha fez hic: uma labareda. Por um segundo, vimos a cozinha toda.

A mesa estava vazia.





As pedras tinham patas.

E pressa. –].

CAPÍTULO 3

Se mexem se você não olha

No escuro, parecia chuva miudinha: tic, tic, tic. Outro relâmpago: as sementes, mais longe. E quietas. Bem quietas. Como quem não quer nada.

Elas corriam rápido. Mas cada relâmpago as parava. E havia muitos. Eu as via de baixo da mesa. Pus o escorredor de macarrão da Flora: em casa, quando troveja, eu ponho um.



É batatinha frita, 1, 2, 3. Com sementes. —].

Flora apontou a lanterna para uma semente. A semente parou.
Apontou para outra. A primeira saiu correndo.

— São sementes! Estão acordadas! — gritou Flora.



Ela mexeu a luz. Agora correu a segunda.
— Precisamos de outra lanterna — eu disse.
— Pensa em outra coisa. Só tenho esta.

Com luz, quietas. No escuro, correndo. A lanterna não dava para todas.

Todas iam para a portinha. Flora a tapou com um vaso enorme.

— Procuram terra molhada de tempestade — disse. — Aqui só tem terra de torneira. Lá fora quase não tem: a chuva as leva ao canal.

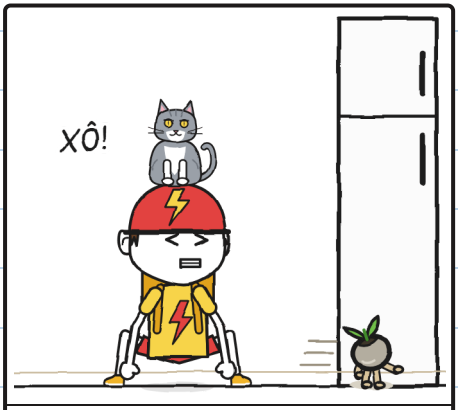


Mas agora elas estavam por toda a cozinha, no escuro. E numa cozinha há cem esconderijos.

Tentamos de tudo:



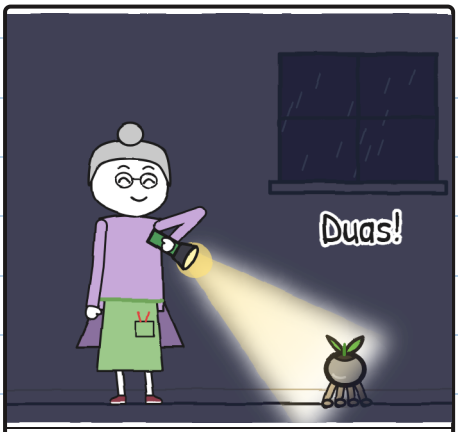
Júlia, com um pano: pegou o Trovão.



Toninho, com as mãos: o Trovão pegou ele.



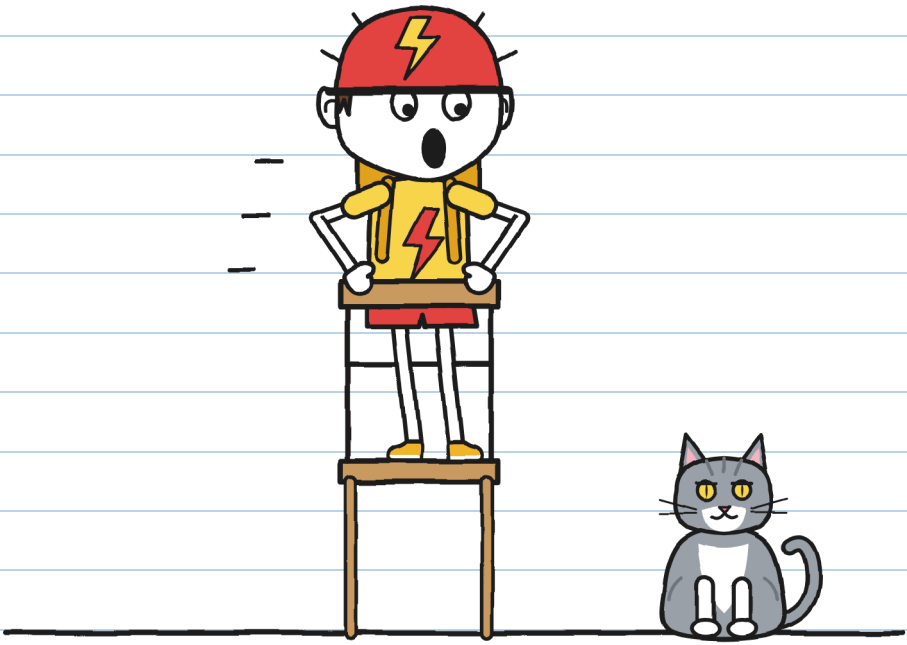
Migalha, com a chama: uma!



Flora, com a lanterna: duas!

O Trovão também caçava. Ele enxerga quase no escuro. Nós, não.

Toninho não tem medo de tempestade. Tem medo de gato.

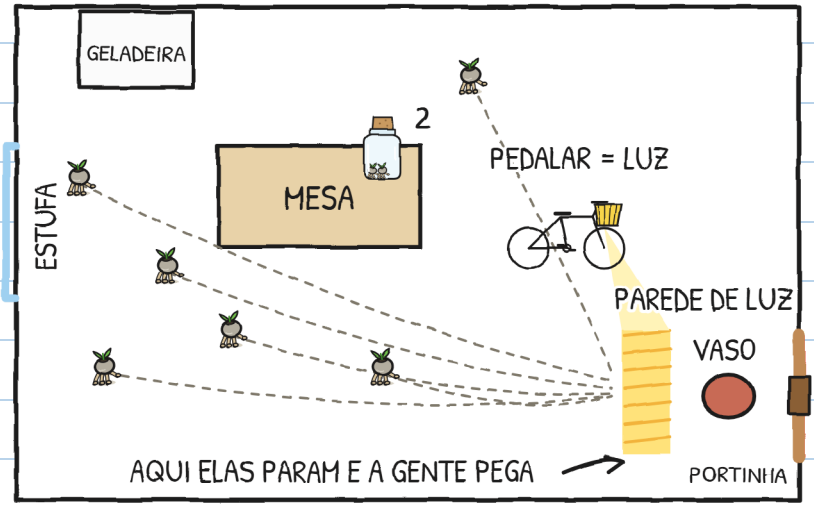


— Não é um gato! — disse Júlia. — É o Trovão!
— PIOR!

Dois sustos e um nome só. —J.

Eu seguia debaixo da mesa, ainda de escorredor.
De lá vi uma coisa: as sementes sempre voltavam para a portinha. O vaso bloqueava a passagem.
Elas empurravam.

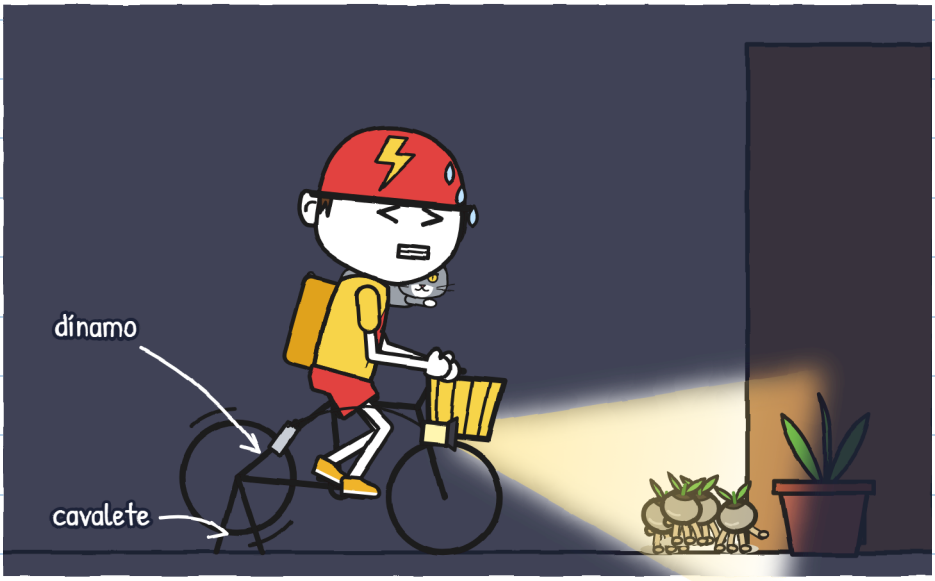
Todas. No mesmo lugar.
Fiz um mapa.



— Toninho, seu farol acende quando você pedala?
— Claro.
— Então hoje você vai entregar luz.

Pusemos a bicicleta no cavalete. O farol apontava para a portinha. O dínamo da RAIO dá luz se a roda gira. E Toninho pedalou.

Pedalou como nunca. Principalmente quando o Trovão subiu em cima dele.



Enfim, a RAIO serve para algo. –J.

As sementes chegavam à luz e paravam. Nós as pegávamos uma a uma. Para o frasco. Três. Quatro.

O Trovão pegou outra com a boca. Flora a tirou dele com dois dedos.
— Cinco! — disse.



Seis.

Flora tampou o frasco. Assim nenhuma escapava. Depois se abaixou para nos ajudar. E o Trovão pulou na mesa e derrubou o frasco.



Toninho pegou o frasco no ar.
— RAIO — disse. — Em um segundo ou de graça.

Mas ele parou de pedalar. A luz se apagou. E o Trovão saiu correndo para a portinha.

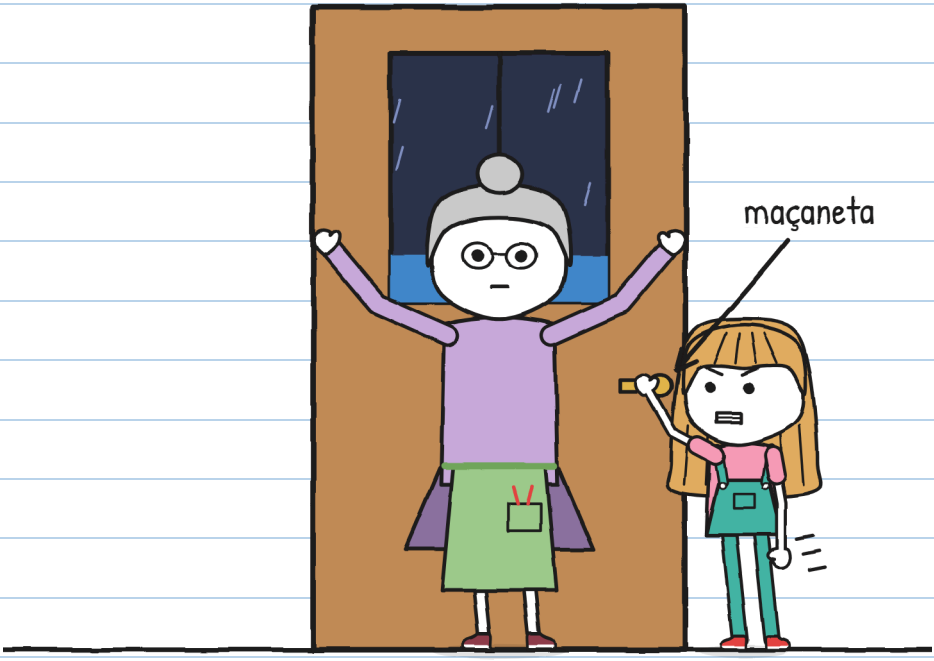
No escuro: tic, tic, tic. O Trovão empurrou o vaso: croc. E a portinha fez clac.

Outro relâmpago: no chão restava só uma semente. Júlia a pegou. Sete.



A oitava saiu pela portinha.

— Vou atrás dela! — disse Júlia, com a mão na maçaneta.
— Com raios ninguém sai — disse Flora, na frente da porta. Disse isso muito séria.



Júlia não discutiu. Mas também não soltou a maçaneta.
Pouco depois, a portinha fez clac. Era o Trovão, encharcado. Sem a oitava.

— Relâmpago... um elefante, dois elefantes. Brrrum.
— Dois — contou Júlia. — Continua muito perto.

— Então agora, vamos plantar — disse Flora. — A tempestade já vai embora. E no escuro.
— Lá dentro? — perguntou Júlia.
Flora apontou as gotas que subiam pelo vidro.
— O encantamento continua valendo. Os raios ficam do lado de fora.



Depois olhou para a Migalha.
— No escuro.

A Migalha olhou para mim. E fez hic.

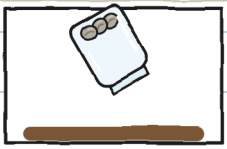
CAPÍTULO 4

Hic

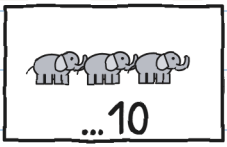
Flora nos explicou como se planta uma lamparina. R. ensinou a ela. Anotei com letra oficial:

COMO SE PLANTA UMA LAMPARINA

1. 
Terra molhada de tempestade.
(A da torneira não vale.)

2. 
Abrir o frasco sobre a terra.
(Se abrir antes, elas fogem.)

3. 
Tudo no escuro: elas sozinhas se enfiam na terra.
(Se você enterrar, elas não brotam.)

4. 

Antes que a tempestade vá embora:
com mais de dez elefantes,
só se plantam na próxima.

Acordar: zero elefantes. Plantar: até dez. Com onze, de volta a dormir. —J.

Flora girou uma manivela. A janela não se abriu: as gotas pintadas começaram a descer.
A chuva de verdade atravessou o vidro e caiu na bancada: uma mesa comprida cheia de terra.
— Tudo na bancada. Nem uma gota no chão — ordenou Flora à chuva.



Esses vidros só existem na história. Numa tempestade de verdade, nada de estufas (página 76). —].

— Terra molhada de tempestade — disse. — Agora, tudo no escuro.

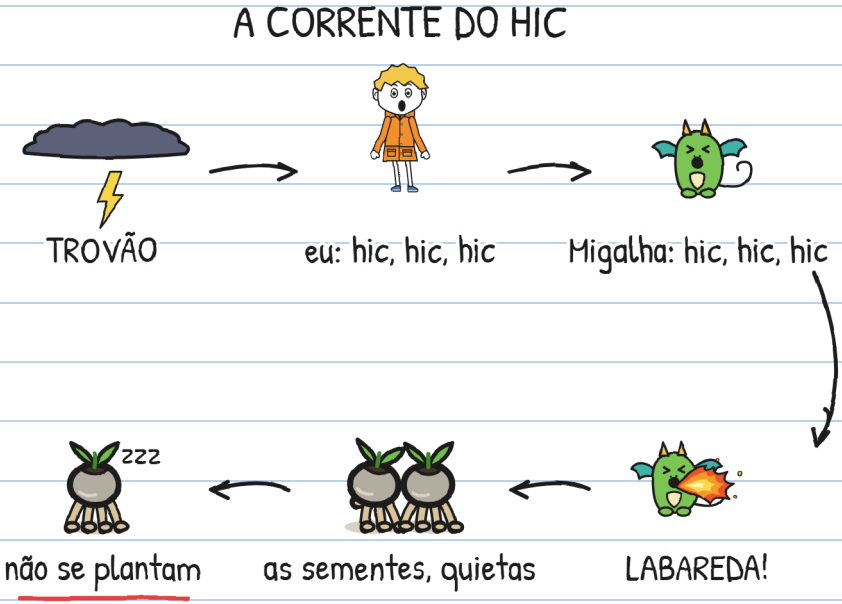
Mas a Migalha já estava lá dentro. Ela se enfiou entre os pés da Flora. Ninguém viu. Estava embaixo da bancada, entre os vasos.

Flora a puxou com cuidado. A Migalha se agarrou aos vasos com as quatro patas. A Vera avisou antes.



Cada hic meu na cozinha acendia a Migalha na estufa.

Desenhei para entender:



Na cozinha, o hic ajudava: labareda, semente quieta, semente no frasco. Na estufa, não. Uma labareda a cada três segundos. Nunca escurecia o tempo que elas precisam para se plantar.

Tem que quebrar a corrente. O pedaço mais fácil de quebrar é você. Com carinho. –J.

Tentamos todos os remédios para o soluço:



Segurar a respiração



Água ao contrário



Um susto



Açúcar

A Migalha imitou todos. Sem se soltar dos vasos.

Remédios: zero. Soluços: muitos. –J.

— Quatro elefantes. Cinco.
O trovão soou.
— Esse raio caiu mais longe — disse Júlia.

As sete sementes davam voltas no frasco. Eu fazia hic.



— E se a gente chegar a onze? — perguntei.
Júlia olhou as sementes.
— Pedras de novo.
Depois olhou para mim.

— A Migalha imita o seu medo — disse Júlia.
— Ela pode imitar outra coisa — eu disse. E fiz hic.
— E se a gente tirar ela de lá? — perguntei.
— Ela se agarra. Você já viu.
Júlia baixou a voz.
— Primeiro, fica com ela.

Eu não tinha remédio para o medo. Tinha um plano para esconder o medo. Já não funcionava:

Meu plano para ninguém notar
que eu tenho medo de trovão:

1. Dizer que eu adoro.
2. ~~Não fazer hic.~~ hic hic hic hic hic
3. ???

E o 3? — J.

Eu tentei. De verdade.



Um pé dentro.



Um trovão.



E de novo na cozinha.

É na estufa que os trovões soam mais alto. De todo o bairro.

Da porta, olhei para cima, pelo teto de vidro. Entre dois relâmpagos eu os vi, bem acima do telhado. Os dragões da Vera, voando dentro da tempestade. Eles saem para voar quando ninguém olha para cima. Por isso a Vera não veio com a gente: com tempestade, ela fica de olho neles.



Eles não faziam hic.

— Vamos, caçador — disse Toninho.

Esperei a piada. Não veio.

Tirei o escorredor e dei para a Flora. Ela o segurou como um capacete de verdade.



E entrei.

Um escorredor não detém um raio. O medo, às vezes. —].

Lá dentro, a chuva soava como mil dedos no vidro. Entrei de gatinhas embaixo da bancada. A Migalha estava lá, feita uma bola. Tremia como eu.



BRRRUM! Fiz hic. A Migalha fez hic. A labareda iluminou nós dois.

Éramos dois caçadores de tempestades embaixo de uma bancada.

Da porta, a Júlia falou baixinho. Sem rir:



— Conta comigo.

CAPÍTULO 5

Conta comigo

E contamos. Ela, na porta. Eu, embaixo da bancada, com a Migalha tremendo na minha capa.

Relâmpago.
— Um elefante. Dois elefantes. Três. Quatro. Cinco. Seis.
Brrrum.
— Seis: uns dois quilômetros — disse Júlia. — Esse raio caiu mais longe. Continuamos abrigados.



Contei os seis elefantes. O medo continuava ali.

Eu disse que adorava tempestades. Duas vezes.
Não adiantou.
A Migalha olhou para mim.
Tentei dizer a verdade.

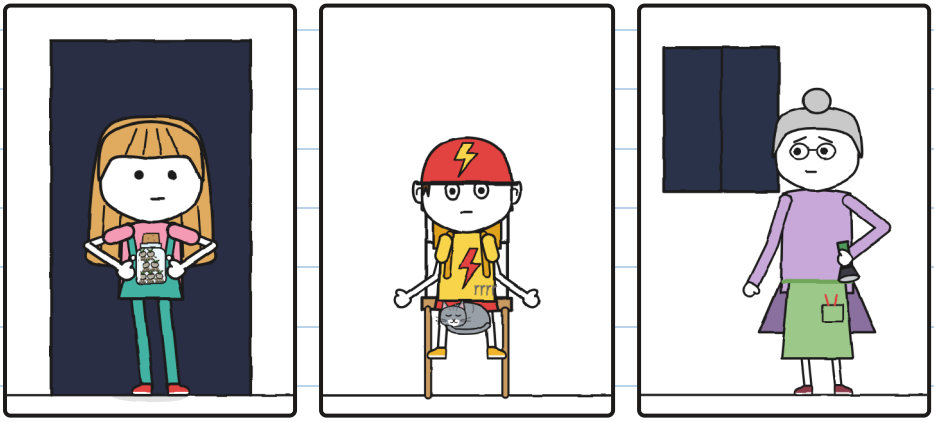


— Tenho medo de trovão.

— Eu sei — disse Júlia. — Você desenhou hoje de manhã, na página 6. Estava esperando você.

— Eu tenho medo de gato — disse Toninho. O Trovão dormia no colo dele. Toninho não tinha coragem de se mexer.

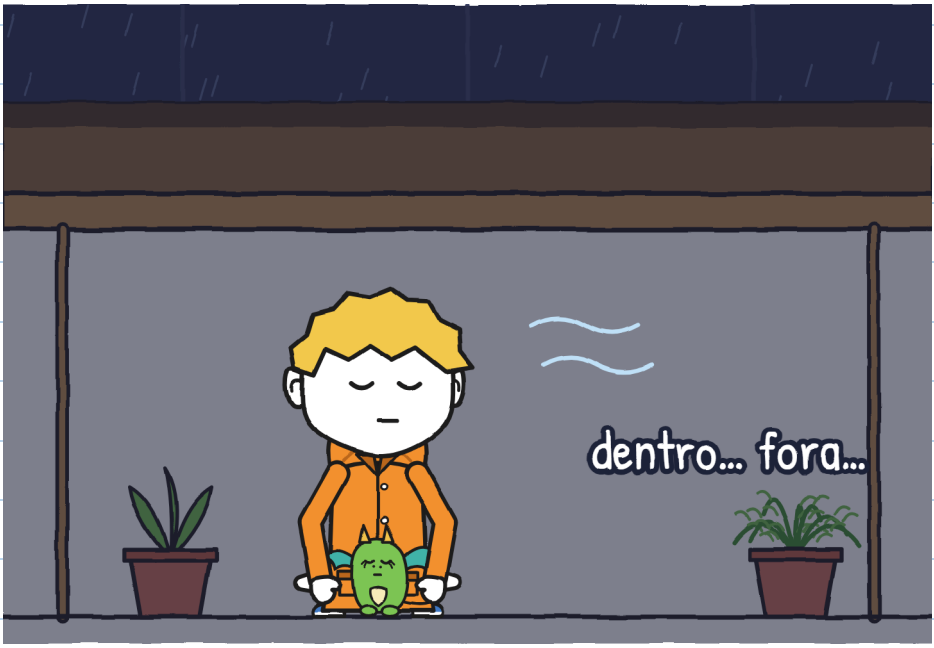
— E eu, de esperar o que não chega — disse Flora.
— Por isso, antes, eu abria o frasco na hora.



E eu, das passarelas. Isso vocês já sabiam. —].

Ninguém riu. Chovia igual. Mas embaixo da bancada eu já não estava sozinho.

Respirei devagar. A Migalha respirou devagar.



Relâmpago. Contamos juntos até nove. Brrrum.

E não fiz hic. Nem nesse trovão nem no seguinte.

— Agora! — sussurrou Flora.

Júlia entrou na ponta dos pés, no escuro. Deixou o frasco aberto sobre a terra molhada. E voltou para a porta sem barulho.



Tic, tic, tic. No escuro, algo saía do frasco.

Relâmpago, bem longe. Contamos só com os lábios, até dez. Brrrum.

Dez: o último que valia.

Com o relâmpago seguinte, vimos:



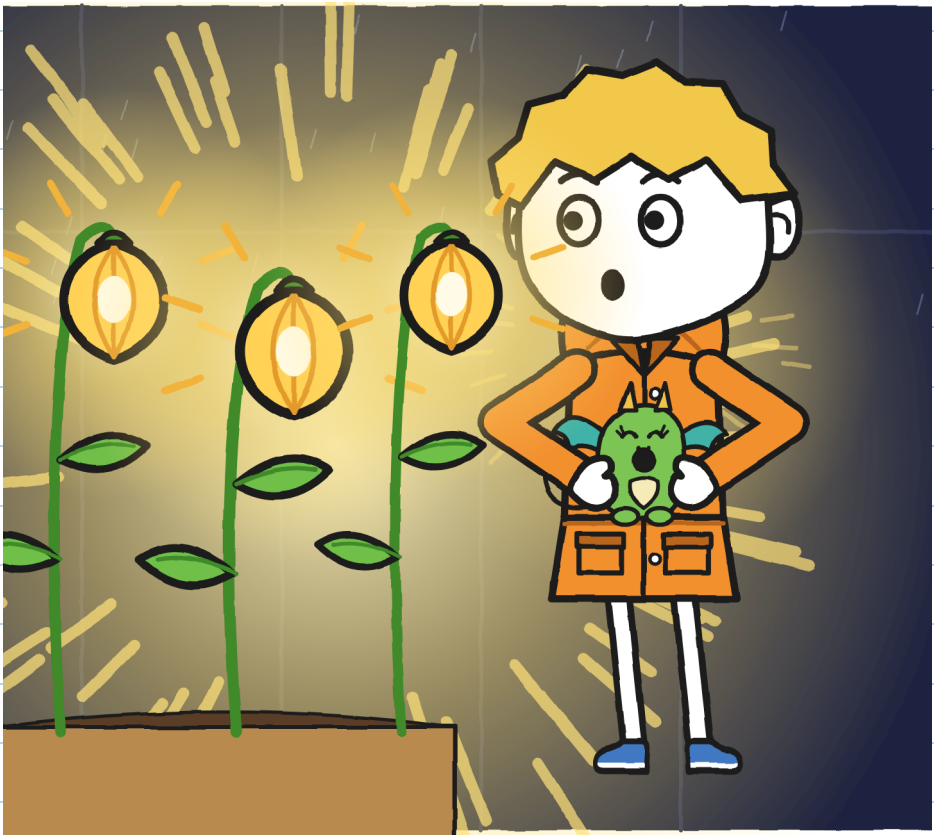
O frasco estava vazio. Na terra, sete buraquinhos. No último ainda aparecia uma patinha.

Depois, um tempinho de nada. Só nós, no escuro, olhando a bancada.

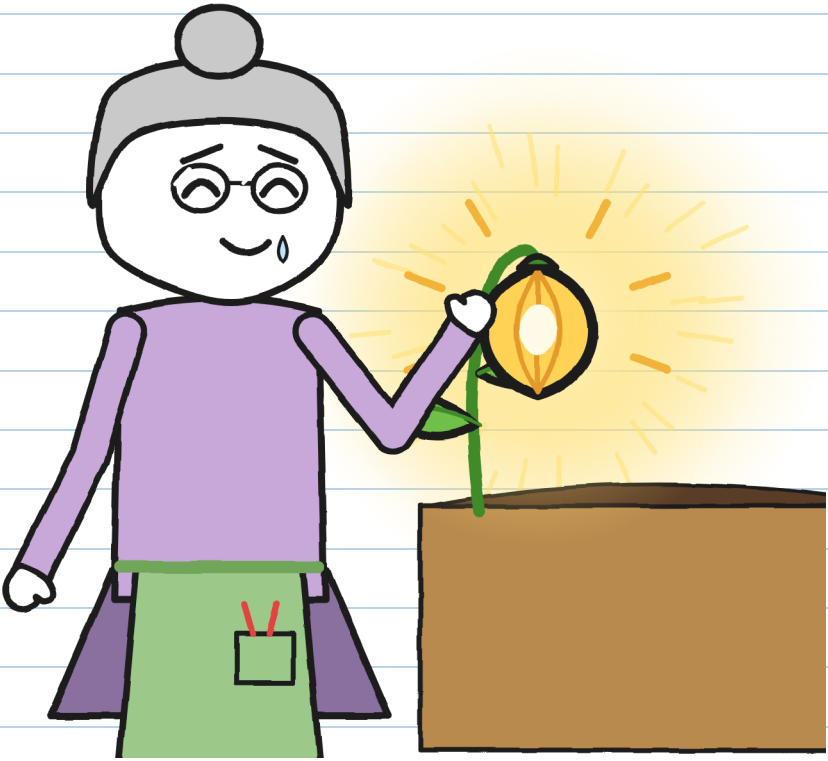
E então a primeira se acendeu.


Sete lamparinas. Cada uma com um pedacinho de relâmpago dentro.

A Migalha não fez hic. Olhava as lamparinas de boca aberta. Igual a mim. Já não imitava o meu medo. Imitava isto.



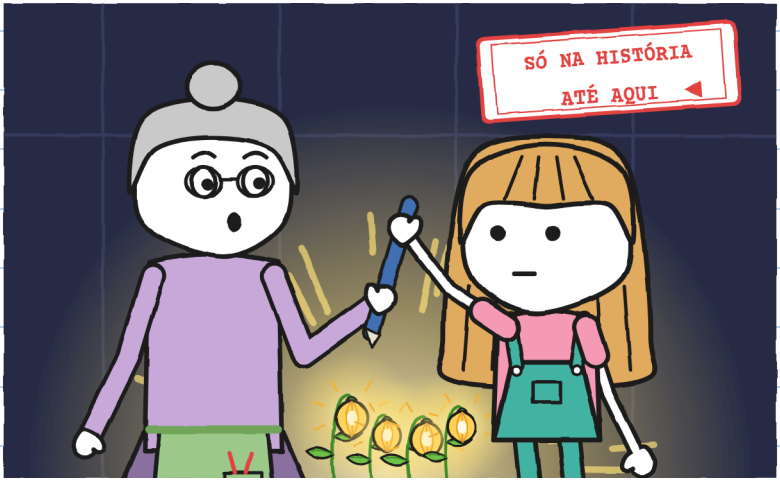
Flora ficou muito tempo calada. Depois tocou numa lamparina com a ponta do dedo. Devagar. Como quem toca algo que esperou muito.
— Assim era o calçadão — disse.



Eu também toquei numa. A Migalha também.
Estava morna, como uma pedra ao sol.

Flora parou a chuva com a manivela.
Depois pegou uma caneta.
Finalmente ia assinar.
Júlia deteve a caneta com dois dedos.

— Ainda não.
Olhou as sete lamparinas.
— Falta uma. Eu abri o frasco antes da hora.
Temos que achar ela.
Depois foi até a cozinha. Descolou a etiqueta da caixa. Guardou no bolso da jardineira.



Se vai entregar, entrega inteiro. —].

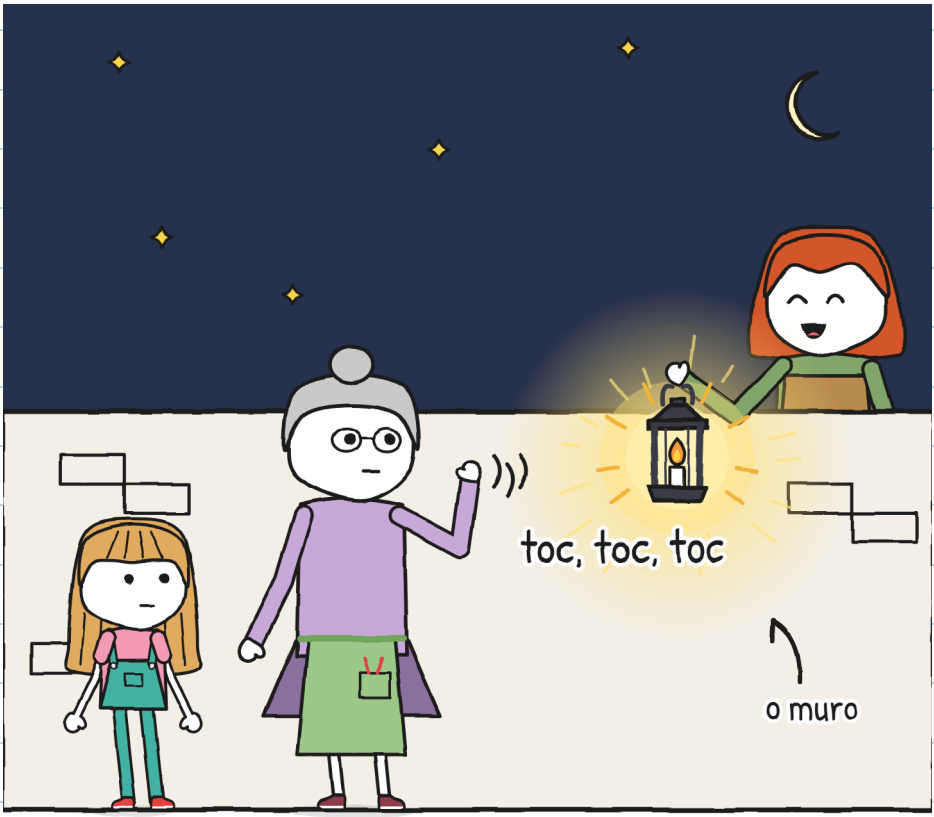
Voltamos para a cozinha.
— O quintal continua fechado — disse Flora.
— Ainda não vamos sair.
Esperamos. A Júlia ficou sem relâmpagos para contar. E esperamos mais meia hora, depois do último trovão. Já não chovia. A tempestade foi embora.



E a oitava estava lá fora. Em algum lugar, no escuro. Sem terra a tempo, ela dorme de novo. Mais uma pedra. E, sem assinatura, ao amanhecer o nº 2 volta para a estante.

— Vamos procurar a oitava — disse Júlia.

Flora olhou a noite. Depois deu três batidas no muro do quintal. Como a Vera disse. O muro é a parede da Casa dos Dragões.



— Desta vez — disse — vocês não vão sozinhos.

CAPÍTULO 6

A oitava

Saímos com a Flora e a Vera, um lampião e uma bicicleta. Júlia levava o frasco vazio e a etiqueta. Eu levava a Migalha dentro da capa de chuva. Só dava para ver a cabeça dela.

Procuramos no quintal. No caminhozinho. Na beira do canal.

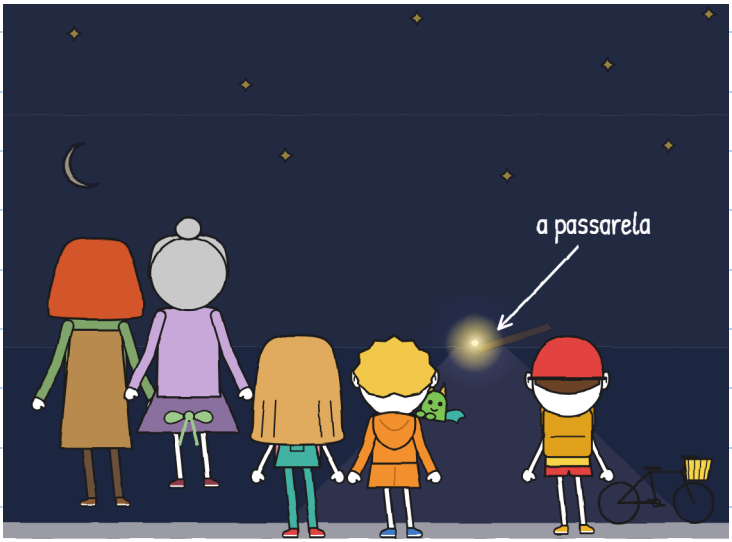


Nada.

Se a oitava tinha dormido, podia ser qualquer uma daquelas pedras.

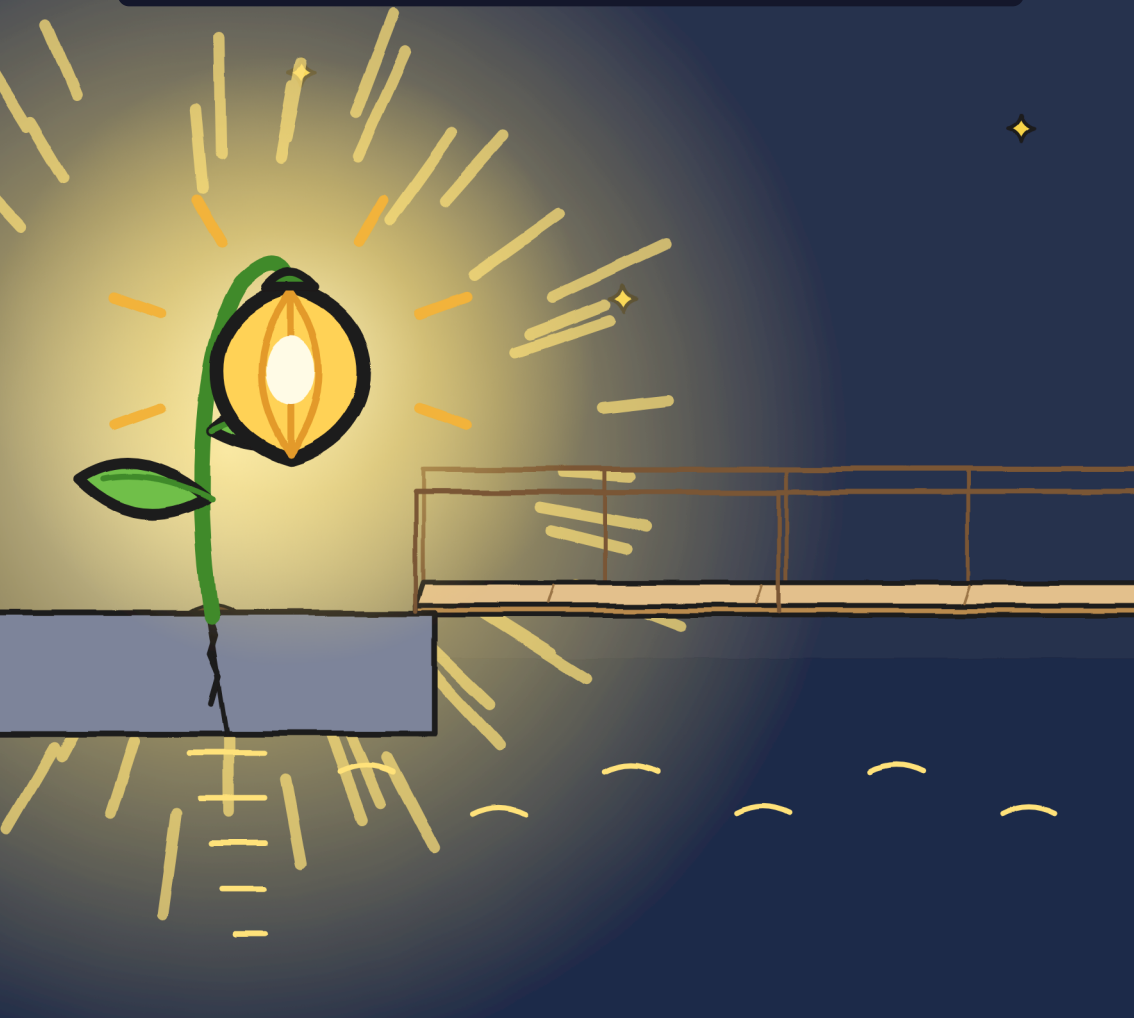
A luz do lampião enchia de brilho as
pedras molhadas.
Então pensei: uma lamparina tão pequena podia
estar brilhando sem a gente ver.
— Esperem. Apaguem as luzes.
Toninho parou a bicicleta. Vera baixou a chama.
Flora apagou a lanterna.

Ficamos parados.
No fim do calçadão havia uma luzinha.



Ao pé da passarela.

Acho que a chuva a arrastou pelo caminhozinho até o calçadão. Ela ficou numa fresta entre duas pedras, com um pouco de terra molhada. Bem ao pé da passarela. Ali ela se plantou sozinha. De longe, uma luzinha. De perto, iluminava tudo.



Júlia olhou a passarela por muito tempo. Com luz parecia outra. Mais curta. Mais larga. Só uma tábua de madeira.

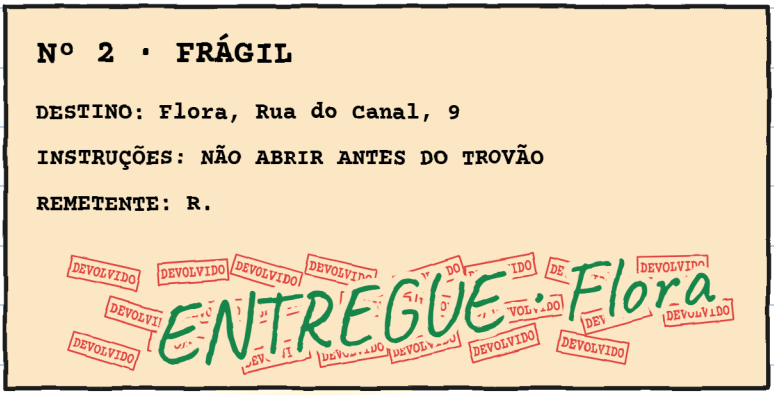
Ela pôs um pé na passarela. Só um. Depois o tirou.

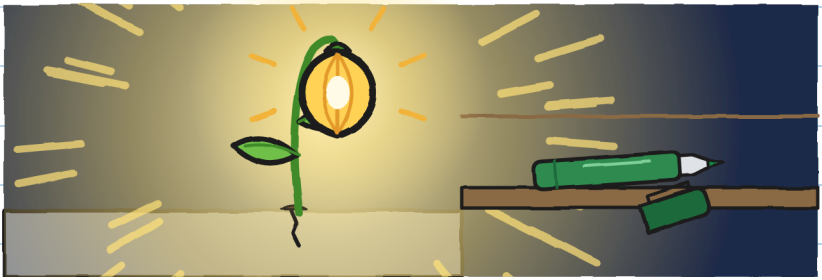


De longe, já não me dá medo. De perto, quase também não. –J.

— Essa fica aqui — disse Flora. — Escolheu o lugar.

Júlia deu a etiqueta e a canetinha verde para ela. Aquela tinta não apaga. Flora assinou ali mesmo, à luz da oitava. E devolveu a canetinha.



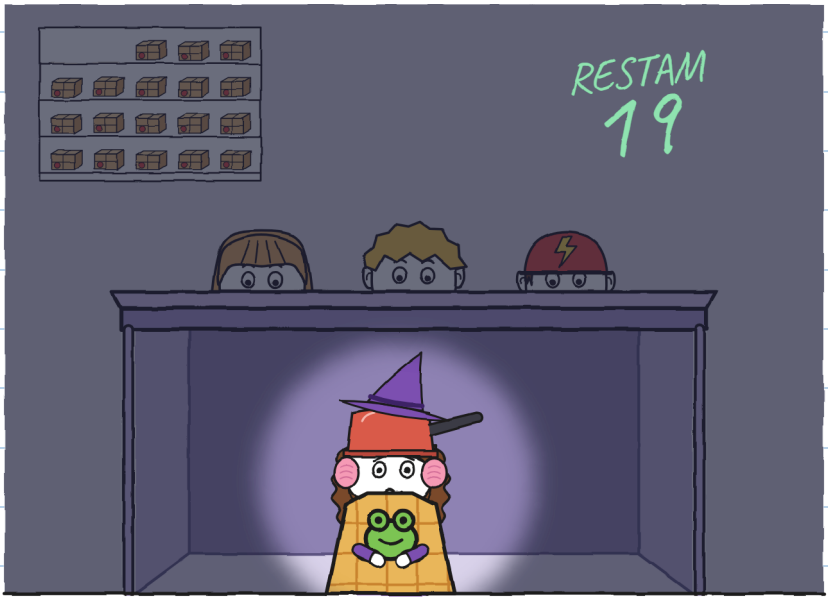


Ao nos despedirmos, Flora me deu o escorredor:
— Fica com ele. Para a próxima tempestade. E diz à Mara que já era hora.

Vera deixou a Migalha no ninho. Ela nos levou até a loja de van, com a bicicleta do Toninho atrás. Fomos pela ponte da estrada: de noite, a Ponte Grande levanta para os barcos. Ela nos deixou na porta da loja e voltou para os dragões dela.

A loja estava no escuro. Mara não estava no balcão.

Estava embaixo.

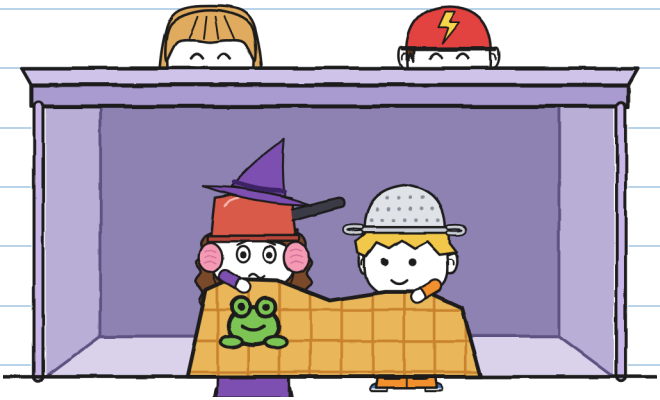


— Já passou? — perguntou Mara.
— Faz um bom tempo — disse Júlia.

Manta. Abafadores. Panela de capacete.
Vinte e três entregas. Nenhuma com tempestade.
Agora eu entendia.

Dei o recado da Flora. Mara baixou a panela até as sobrancelhas.

— Eu também tenho medo de trovão — disse a ela.
Ela levantou a manta.



Entrei com ela debaixo do balcão. Nos encaixamos.

Mara pôs uma caixa de cabeça para baixo para o Toninho. Junto aos banquinhos.
— Seu lugar. Por enquanto — disse.

Toninho sentou. Com a canetinha da Júlia, escreveu duas palavras na mochila: "e gatos".



Agora a letra miúda diz a verdade. —].

Consertei o meu plano. Para os trovões:

1. Contar elefantes.
2. Com alguém.
3. Se eu fizer hic, tudo bem.



E não dizer que você é caçador de nada. –J.

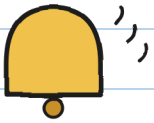


Naquela noite, antes de irmos para casa, um devolvido tocou: tlim. Como um sininho. O nº 3.

Na etiqueta estava escrito:

Nº 3

PARA TONINHOZINHO

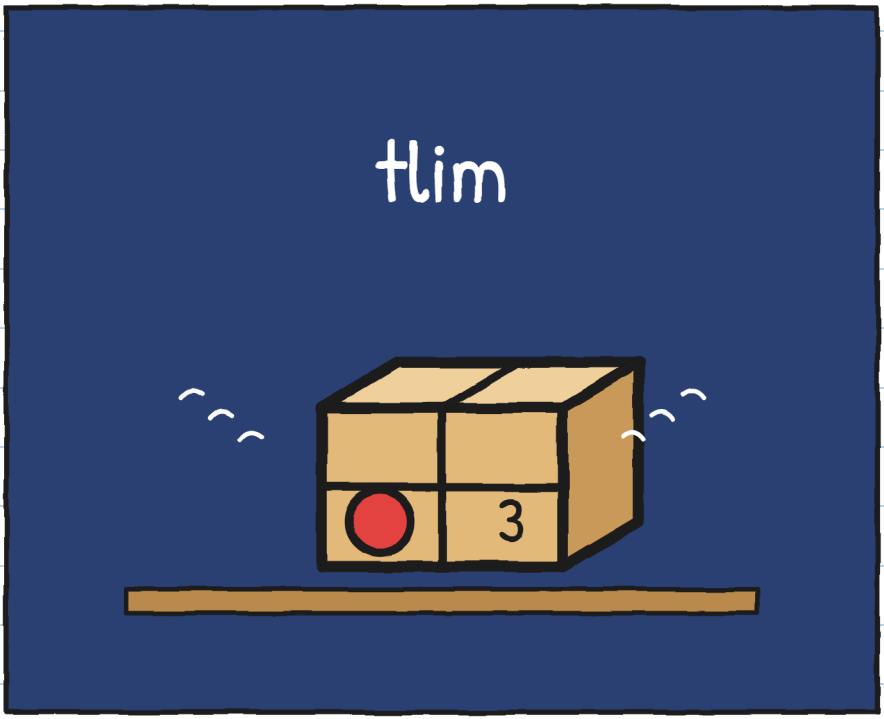


Toninho ficou da cor do capacete dele.



ENTREGAS IMPOSSÍVEIS · 3

(em breve)



Quem manda pacotes para o Toninho? –J.

O BAIRRO (versão 2)



Tenho uma ficha de R. As pistas 1 e 2 são do caderno 1. Anotei as novas:

O QUE SABEMOS DE R.



R.

1. Tem uma letra horrível (Mara).
2. Vera ficou branca ao ler a inicial de R.
3. Plantava lamparinas com a Flora, faz tempo.
4. Cumpre tarde, mas cumpre.
5. Fez os vidros encantados da Flora.

6. Ninguém diz o nome de R. Isso também é uma pista. —J.

E você? Quem você acha que é R.?

Eu acho que R. é...

UMA HISTÓRIA, SEIS TAMANHOS

Tem seis tamanhos, dos 3 aos 16 anos, e mais de 20 línguas. XXS, XS, S, M e L têm as mesmas páginas e os mesmos desenhos. O XL é um romance. Só muda o jeito de contar.

TAMANHO XXS · PRÉ-A1
JÚLIA PEGA A SEMENTE NÚMERO SETE.

TAMANHO XS · A1
Sobrou uma semente no chão. Júlia a pegou. Sete.

TAMANHO S · A2
Outro relâmpago: no chão restava só uma semente. Júlia a pegou. Sete.

TAMANHO M · B1
No relâmpago seguinte, só restava uma semente, e Júlia a pegou. Sete.

TAMANHO L · B2
Quando relampejou outra vez, restava no chão uma única semente, e Júlia a pegou. Sete.

TAMANHO XL · B2-C1
Romance ilustrado · 13+

Níveis do QECR indicativos, para quem aprende português.

Cada um no seu tamanho. Mesmo temporal. —J.

PARA FAMÍLIAS E PROFESSORES

Trabalhe cada capítulo em linguaula.com

TEMPESTADE DE VERDADE: O QUE FAZER

1. Se ouvir um trovão, mesmo longe, entre em casa: o raio já pode chegar até você.
2. Dentro de casa, com um adulto, longe de janelas, portas e vidros. Nada de estufas, pontes, árvores nem água.
3. Não saia até meia hora depois do último trovão.
4. Contar elefantes serve para saber se um raio caiu perto ou longe, e para se acalmar. Não serve para saber quando sair.

CONTE A SUA TEMPESTADE

De dentro de casa: conte elefantes entre o relâmpago e o trovão.

Relâmpago	Elefantes	Quilômetros (1 a cada 3, aprox.)	Esse raio, mais perto ou mais longe?
1	15	5	–
2	9	3	mais perto